

O insidioso Nevoeiro

"as raízes do passado rebentam por todos os lados do nosso solo: rebentam sob a forma de sentimentos, de hábitos, de preconceitos. Gememos sob o peso dos erros históricos. A nossa fatalidade é a nossa história."

Faz agora dois anos que neste mesmo espaço (Outubro de 2003) escrevemos um artigo cujo título - "É esta a Hora?" - fomos beber na "Mensagem" de Fernando Pessoa, mas convertendo, por nossa conta, em interrogação escatológica o que para o Poeta era uma oração de fé que remetia para o lastro da história antiga dos portugueses como para uma potencial capacidade de renascimento.

Valerá a pena reproduzir esta passagem do escrito: "Então (o livro saiu em 1934, quando o Estado Novo apostava na mobilização do orgulho nacional), sentindo que o seu Povo, herdeiro de uma história secular de audácia e determinação, estava a desfigurar-se no 'fulgor baço da terra/que é Portugal a entristecer', clamava: 'Tudo é disperso, nada é inteiro./Ó Portugal, hoje és nevoeiro.../É a hora!'"

Ainda António Ferro, o operoso liturgista dos fastos "pré e pós-gâmicos" (como os designava Toynbee, centrando no tempo de Vasco da Gama o momento axial da história dos portugueses) não tinha entrado na cena do providencialismo salazarista, mas já Pessoa se revelava imbuído da "receita" queirosiana de que era preciso (re)criar os deuses e os heróis de que os povos tinham necessidade, no caso português para espezinhar os ânimos esmorecidos por uma monarquia esgotada e uma primeira república esvaída nas querelas partidárias e nos desatinos financeiros.

Pessoa não subscreveria na íntegra o discurso proferido por Antero, em 1871, no Casino Lisbonense (sobre as causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos), nem diria que "as raízes do passado rebentam por todos os lados do nosso solo: rebentam sob a forma de sentimentos, de hábitos, de preconceitos. Gememos sob o peso dos erros históricos. A nossa fatalidade é a nossa história." Mas Pessoa acreditava, como Antero, que a Modernidade regeneraria Portugal de todos os erros e equívocos: hoje, ambos revalidariam a sua crença com o exemplo da "regeneração" de Espanha. Antero, como os seus pares do grupo dos Vencidos da Vida, reflectia angustiado sobre o estado de uma "raça decaída por ter rejeitado o espírito moderno", em resultado de governações desvairadas, ideias imobilistas e três séculos de viagens transcontinentais que tinham enquistado as potencialidades anímicas da Nação numa febricitante corrida aos eldorados da Índia, da América e da África - até que as "minas" se extinguiram e o país se viu confrontado consigo mesmo: a agricultura abandonada, a indústria obsoleta, o comércio frouxo, a educação atrasada, a emigração como escape da pobreza e contudo gerando com as suas poupanças os meios com que a Nação comprava no estrangeiro aquilo que não produzia e todavia já tinha sido suficiente para, nos séculos anteriores à febre atlantista (Cortêsão chamou-lhe vocação), sustentar um país cioso da sua auto-estima e independência.

Por fim, "é da emigração da miséria que a pátria tira depois o ouro com que salda a conta da sua desorientação económica e dos seus desperdícios financeiros" - observava Emídio da Silva, em 1917, falando das consequências extremas. Mas já no discurso de 1871 Antero tinha analisado as causas prevaletentes:

"Os netos dos conquistadores de dois mundos podem, sem desonra, consumir no ócio o tempo e a fortuna, ou mendigar pelas secretarias um **emprego**: o que não podem, sem indignidade, é **trabalhar!** uma fábrica, uma oficina, uma exploração agrícola ou mineira, são coisas impróprias da nossa fidalguia. Por isso as melhores indústrias nacionais estão nas mãos dos estrangeiros, que com elas enriquecem, e se riem das nossas pretensões. (...) Nós preferimos ser uma aristocracia de pobres ociosos, a ser uma democracia próspera de trabalhadores. É o fruto que colhemos de uma educação secular de tradições guerreiras e enfáticas! (...) Respeitemos a memória dos nossos avós: memoremos piedosamente os actos deles: mas não os imitemos. Não sejamos, à luz do século 19º, espectros a que dá uma vida emprestada o século 16º." A esse espírito mortal oponhamos francamente o espírito moderno."

Quase um século depois de Antero (que via o "espírito moderno" na Revolução proudhoniana) e menos de meio depois de Pessoa, até Jaime Cortêsão, um "atlantista" convicto, que entendia que "os Portugueses foram descobrir e colonizar terras alheias para conservar a própria", ponderava, em 1959 (vide Os Factores Democráticos na Formação de Portugal, ed. Livros Horizonte, Lisboa, 1964):

"A história de cada povo, humildemente escrita, quer na glória dos seus feitos e virtudes, quer na contrição dos seus erros e defeitos, das suas Aljubarrotas e dos seus Alcácer-Quibires, não pode e não deve ser a contemplação estática do passado, mas um impulso, uma promessa, um pacto de vida para o futuro. O fim da história, considerada como ciência humana e humanística, não é uma regressão ao passado, mas uma explicação do presente, uma arte de prever e uma promessa de excelência."

Convenhamos que o actual discurso histórico daqueles que aceitaram ser os mentores e os homens do leme da "viagem" para a Modernidade a que somos novamente compelidos dispensa celebrações passadistas. Mas não explica o presente nem prevê o futuro, e nas promessas de excelência (sem lastro ideopolítico que as credibilize) são cada vez menos os que confiam.

Como se um Nevoeiro persistisse, insidioso ou fatal, continuando a dificultar a visão correcta dos portugueses sobre si próprios, eles que no século XIV, apesar das baías da Monarquia e da Igreja, já competiam com os povos mais avançados da Europa Ocidental e hoje, em democracia, discutem a Modernidade entre os mais atrasados.